



CULTIVANDO UNIVERSOS FEMINISTAS: NA REFLEXÃO, CONHECIMENTOS E PRÁTICAS NA DESCONSTRUÇÃO DO PATRIARCADO.

Neltume Espinoza¹

RESUMO

Este texto reflete sobre o patriarcado como modelo de dominação e domesticação da vida além do humano. Como o controle produzido e reproduzido nos leva a dominar outros e como nesta realidade muitas culturas perpetuam e fortalecem as hierarquias deixando as mulheres e a natureza como seres de domínio ou dominados. Neste contexto a Agroecologia como modo de vida na busca de uma transformação social, as mulheres do campo, das águas, das florestas e da cidade se levantam manifestando as injustiças com a Terra, mas também as injustiças com elas. A partir da conexão com os movimentos da natureza, as mulheres se determinam a transformar a realidade patriarcal.

Palavras-chave: Agroecologia. Dominação. Domesticação. Feminismo Comunitário. Patriarcado

RESUMEN

Este texto reflexiona sobre el Patriarcado como modelo de dominacion y domesticacion de la vida, trascendiendo lo humano. Como el control, producido y reproduzido nos lleva a dominar a otros, y em esta realidade, como muchas cultoras, perpetuan y fortalecen las jerarquias, dejando a las mujeres y a la naturaliza como seres de domínio o dominados . Em estas circunstancias de vida Agroecologia como modo de vida em la busqueda de uma transformacion social. Asi las mujeres del campo, de las aguas, de los bosques y de las ciudades se levantan y manifiestan las injusticias com la tierra y tambien las injusticias com ellas. A partir de la coneccion de los movimientos com la naturaliza, las mujeres estamos determinadas a transformar esta realidade Patriarcal.

Palabra llave: Agroecologia. Domesticacion. Dominacion. Feminismo Comunitario. Patriarcado

¹ Camponesa Agroflorestal. Licenciada Educação do e no campo pela UFPR litoral e Agroecologia pelo IFPR. Participante da Resa Rede Sementes da Agroecologia, AMAE Associação Morretes Agroflorestal Ecológica e AOPA Associação para o desenvolvimento da Agroecologia. Contato neltume.bo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este texto é resultado de uma pesquisa que analisou a relação entre a domesticação das espécies e a domesticação do humano através do patriarcado como paradigma predominante na sociedade. Onde os domínios e controles se manifestam na agricultura e como Agroecologia e o Feminismo Comunitário surgem como portas de entrada para discutir e praticar transformações na vida das Mulheres num universo camponês, de cultivos e de manifestações da natureza.

Neste sentido, quando falamos na domesticação, geralmente pensamos nas plantas ou animais, ciclo do qual reconhecemos registros aproximadamente a partir de 12 a 10 mil anos atrás (MARCEL MAZOYER & LAURENCE ROUDART, 4 edição:2009). Utilizo o termo reconhecimento já que podem existir diversos outros tipos de registros da construção da agricultura, mas o que a nossa educação eurocentrista nos proporciona são aproximadamente 12 mil anos.

A vida no planeta, com milhares de espécies vegetais que se multiplicam em diversas variedades, possibilitaram e possibilitam a humanidade a se assentar, dando origem a seleção e multiplicação das espécies gerando a Agricultura. Assim, foi se formando um processo de interações a partir da observação e da prática, adaptando as espécies a diversas condições ecológicas e as necessidades dos diversos grupos, criando e manifestando formas, culturas e sociedades. A história tem nos transmitido que as mulheres são geradoras do início, o começo da agricultura, mas com o tempo observamos que a mulher no/do campo, foi destinada a papéis específicos e a territórios delimitados.

O desenvolvimento da agricultura só foi possível, depois que a função da semente, no desenvolvimento de novas plantas se tornou conhecida, Assim, a introdução de sementes em um determinado espaço da terra [...], foi o fator determinante para a passada de coleta ao plantio, uma significativa revolução cultural iniciada pelas mulheres. Ao fazerem crescer os produtos da terra as mulheres associaram a fecundidade a fertilidade. Os estudiosos concordam em atribuir a invenção da agricultura as mulheres. Como coletoras elas adquiriram um conhecimento dos vegetais, flores e frutos e puderam aprender, pela experiência direta e pela observação contínua e processo de semeadura e germinação do mundo natural. (KOSS, 2000, p.73-74).

Ao pensar no contexto da América Latina, onde predomina a oficial denominada cultura ocidental, a nossa educação nos ensina sobre monarquias, feudalismo, impérios, conquistas, colônias, industrialização, capitalismo, neoliberalismo formas construídas num cenário patriarcal. O que descontextualiza das nossas realidades, dos nossos territórios e das nossas próprias formas de fazer humanidade que os diversos ambientes propiciaram. O processo de domesticação tem sido maior do que muitas vezes podemos

enxergar, há domesticado as sementes, as plantas, os insetos, os fungos, os animais, incluindo a domesticação do humano, processo que gera a dominação do humano para as outras espécies e entre nós mesmos.

Segundo Maturana, (1995) o início da cultura patriarcal, surge no momento em que alguma circunstância particular contingente faz com que se perda a confiança na coerência do mundo natural, e da perda da confiança se busca o controle, a negação e a apropriação do outro. Assim surge o afastamento do ser humano do mundo natural, através da psiques, deixa de sentir-se parte tendo que controlar, gerando uma troca psíquica em todas as dimensões.

A partir deste início do patriarcado podemos enxergar como estas dinâmicas de dominação transcendem a experiência humana, e muitas vezes o humano é utilizado como mais uma ferramenta de exploração entre humanos e com a natureza, um exemplo presente e na agricultura. Aparentemente, perdemos a confiança na natureza, não acreditamos que seja possível cultivar alimentos sem a necessidade de insumos externos, negando a vida nas sementes, no solo, na água e nas infinitas manifestações do ciclo da natureza, assim como nos conhecimentos gerados pela humanidade e a ancestralidade dos povos. Este não acreditar, nos faz temer, produzindo-nos inseguranças que levam a dominar os processos naturais provocando uma domesticação da vida.

A perda da confiança nos gera a necessidade de controle, no controle nos sentimos mais seguros, mas para ter as certezas desta segurança, utilizamos a domesticação do outro. O patriarcado se apresenta com características dominantes como as hierarquias, Autoritarismos, competição, individualismos, negações, obediências, medos e controle, todas estas características do patriarcado nos afastam de um sentir livre na autonomia de cada indivíduo.

Nas dinâmicas humanas, onde a prática da domesticação é constante e diária, se desenvolve a dominação ente humanos: ricos a pobres, adultos a crianças, adultos a anciões, homens a mulheres, dominação entre territórios, dominação dos territórios. Fomos criando nosso universo humano, submersos na tragédia das formas de dominantes e dominados, basta olhar nosso presente que se mantem como consequência do nosso passado colonial e a exploração da América Latina e dos diversos territórios chamados em desenvolvimento. As diversas formas de exploração vivenciadas que construíram um caminho de desequilíbrio social e ambiental que se mantem até hoje, sempre se adaptando, atualizando, se apropriando de conceitos de teorias, de movimentos, mas com a mesma lógica de exploração e desigualdades.

A partir desta breve contextualização sobre as questões que motivaram este texto, organizando as reflexões da seguinte forma. A primeira parte do texto se discute o contexto da agricultura e a inserção das mulheres que são produtoras de formas de resistências as imposições do capital, das empresas, dos governos. Na sequência e abordada a diversidade e a comunidade na relação com o Feminismo Comunitário e por fim as considerações finais que apontam a importância das mulheres na Agroecologia como forma de desconstrução dos processos hegemônicos do Patriarcado.

A agricultura atual e as mulheres neste território

A vida no campo, na floresta e nas águas com seus diversos modos de vida, diversas manifestações que se entrelaçam nos ambientes, evidentemente tem sido influenciada por todo um processo histórico de construção da humanidade, o que hoje resumimos ao capitalismo, livre mercado amparado por um paradigma maior que é o patriarcado. Impõem-nos incessantemente as necessidades e formas do capital, como verdades absolutas que temos que acatar e adaptar a nossas vidas, onde toda uma estrutura servil e corrupta que são os Estados, se alinham ao capital negando seu labor de regular as empresas e de administrar os territórios mantendo a soberania dos povos e o bem comum. Nos encurralam para cumprir com suas demandas e necessidades, assim a sociedade perde a cada dia sua soberania e possibilidade de transformação.

Criamos rotinas e entramos em dinâmicas que consideramos normais ou necessárias, muitas vezes e por diversas razões sem possibilidades de questionamentos, está tudo orquestrado, como no caso da agricultura e a Revolução Verde. Dizerem-nos que a grande necessidade do aumento da produção era para acabar com a fome no mundo, que a produção de alimentos não era suficiente para as necessidades do mundo, assim novamente em territórios como América Latina, considerados pouco modernos, precisávamos entrar no ritmo da modernidade, precisava aumentar a produtividade e gerar alimento para o mundo. Campesinas e campesinos obrigados a adaptar-se ao pacote tecnológico e toda a estrutura que arbitrariamente impôs: maquinários, agrotóxicos, sementes geneticamente modificadas, tudo para o aumento da produção e acabar com a fome no mundo.

Com tudo, sabe-se que não acabamos com a fome no mundo e deste lado do mundo, assim como em outros territórios, negamos sistemas próprios de cultivos,

conhecimentos tradicionais, populares, modos de vida, gerando perda dos territórios, contaminação dos solos, das águas, do ar, contaminação das sementes, contaminação das nossas mentes, perdemos diversidade e a nossa soberania e segurança alimentar. Dando continuidade ao processo da domesticação humana e o Estado mantendo a colônia, sendo regulada e dominada pelo mercado internacional, das multinacionais.

Para quem estamos produzindo? Em quais lugares do mundo se concentra a produção e a escassez de comida? E quem produz esse pacote tecnológico? Segundo dados do Atlas do Agronegócio e evidente que a concentração de terra para poucos é fator determinante para a desigualdade.

A conjuntura histórica e geopolítica colonial legou a América Latina a pior distribuição de terras em todo o mundo: 51,19% das terras agrícolas estão concentradas nas mãos de apenas 1% dos proprietários rurais, conforme levantamento da Oxfan. Ocupando o 5º lugar no ranking de desigualdade de acesso a terra. O Brasil tem 45% da sua área produtiva concentrada em propriedades superiores a mil hectares- apenas 0,91% do total de inoveis rurais, (ATLAS do agronegócio, pág. 14, 2018).

Nas cidades, nos centros urbanos, nos supermercados, a grande maioria das pessoas circula e consome inertes a qualquer questionamento, da origem dos nossos alimentos. Os questionamentos, quando existem, são dirigidos aos valores e a estética dos alimentos, poucos refletem no verdadeiro contexto de onde e como estão sendo cultivados, bem como existem muitas pessoas que não tem condição econômica de ir a qualquer outro lugar que comercialize alimentos e acesso a alimentos. “A globalização da produção de alimentos criou uma barreira física e psicológica entre consumidores e agricultores, ou seja, entre o que comemos e de onde vem esta comida”. (ATLAS do agronegócio, pág., 50.2018,).

Nossos paladares e nossas mentes estão adaptados a consumir texturas, aromas, cores e até formas de alimentos influenciados pelas propagandas. Nas cidades com tempo escasso para nos nutrir, sem tempo de preparação dos alimentos nos empurram a adaptarmos as imagens e a propaganda. Principalmente no que se refere ao que é um bom alimento e a necessidade de continuar trabalhando. Na maioria dos casos, perdemos a possibilidade real de escolher como alimentarmos, por questões econômicas, não acessamos, por ignorância não escolhemos porque quem escolhe o nosso alimento e a indústria com sua fantasia propagandista, o tempo para alimentarmos e limitado, assim não existe uma escolha consciente.

A diversidade de espécies diminuiu, o monopólio dos alimentos e a apropriação das sementes faz com que muitos alimentos já não estejam disponíveis, pois não são interessantes para a indústria que gera a padronização dos alimentos, perdemos a possibilidade de plantar certas espécies, de plantar genética, de cultivar culturas, e de interações no mundo que se perdem com a memória das sementes.

Trigo, Milho e Soja são as três principais matérias primas agrícolas comercializadas globalmente. A situação do mercado, a qualidade e o preço determinam se essas commodities são vendidas como alimentos. Em seguida as outras commodities globais mais importantes, é o Açúcar, o óleo de palma e o arroz. (ATLAS do agronegócio, pág. 28, 2018.).

Uma realidade de manipulações e controle que se expandiu pelo mundo, mas as espécies do mundo se levantam de diversas formas, milhares de anos tem passado e sempre a contracorrente. Atualmente reconhecemos uma contracorrente que tem se manifestando no campo e na cidade e que certamente não é só de hoje a ação da Agroecologia. Na Agroecologia as mulheres, com todas as dificuldades históricas do patriarcado, mantém um elo que transcende o capital, gerando vida na Agrobiodiversidade.

A Agroecologia onde o campo e a cidade se unem, num movimento que acredita numa agricultura coerente com os movimentos da natureza, a expressão da terra e o cuidado com os ambientes. Dentro dos movimentos sociais que constroem a Agroecologia, enquanto mulheres, nós reconhecemos na busca de uma agroecologia que desconstrua os padrões, construindo um modo de vida que realmente respeite o ritmo e modo de criar das mulheres, não sendo apenas um discurso que se reproduz, mas a busca de uma verdadeira transformação dos paradigmas.

Agroecologia deixa a porta aberta para as mulheres inserirem a discussão, o bem estar que se busca da natureza, as mulheres como parte desta natureza que precisa ser observada, escutada e respeitada. Problematizamos estas questões porque sabemos que as dinâmicas de poder não se transformam somente com novas instâncias, mas sim com novas relações, novas formas de comunicação e criação dos espaços de diálogo. A importância do olhar das mulheres no campo, como outras formas de construir vida que são diferentes do modo hegemônico e que do ponto de vista da horizontalidade e descentralização, estamos em tempos de escutarmos e escutar a voz das mulheres, sem desconsiderar a desconstrução que muitos homens fazem dentro da agroecologia.

Porém, sabemos que para gerar horizontalidade e de centralidade ou desconcentração do poder, precisamos ir além dos discursos, É preciso avançar no sentido

da prática, vivenciar no cotidiano os diálogos construídos coletivamente. Na agricultura e mesmo na agroecologia, pela pressão do mercado, a plena liberdade de construir com o ambiente, na hora dos plantios, e direcionada porque os consumidores e consumidoras de alimentos que somos todas e todos nós, já estamos destinados a comer certas coisas, condicionados, domesticando nossos corpos a máquina comercial, que nos pede que plantemos o que o mercado dita, não podendo faltar nas feiras tomate, alface, cebola, batatas etc. Com tudo isto a Agroecologia busca criar uma maneira mais equilibrada na relação com os ambientes, formas de cultivar e o que cultivar, trabalhando numa linha das autonomias. Contudo, tem que assumir diversos enfrentamentos no ciclo de cultivo dos alimentos, para contribuir em novas formas de vida e de relações com os diversos ambientes.

Assim como os mecanismos de construção do trabalho, que certamente ainda hoje se mantem reproduzindo uma lógica patriarcal, que estabelece como princípios a hegemonia do poder que fortalece as hierarquias, mantendo padrões de comportamento que não contribuem numa transformação social que busca o bem estar da vida além do campo. O patriarcado não é apenas a dominação do homem sobre a mulher, o patriarcado é um modelo de dominação sobre o outro, sobre a vida a natureza (PLASTINO, 2018, Entrevista Café Filosófico SP).

Sabemos que o campo é, historicamente território reconhecido próprio dos homens, tirando o início da agricultura, só observar para quem vão se dirigir os técnicos do Estado? Quem escolhe as culturas de plantio? Quem decide os manejos? Quem tem sido herdeiro das terras? Quem tem a voz no campo? Dentro deste universo onde a força é uma das características elevadas pelo sistema, esta realidade existe, mas se transforma e, paralelo a este mundo patriarcal. as mulheres na Agroecologia estão presentes em todos os espaços dos cultivos dos alimentos, mantendo outras espécies, muitas vezes silenciadas, mas certas na relação com o ambiente

A mulher no campo tem escolhido criar com a Agrobiodiversidade, deixando acontecer o instinto transcendental da memória ancestral, na relação com as espécies como as flores, as ervas medicinais, com os alimentos fazendo a crítica ativa a cultura patriarcal e não sendo direcionadas e impulsadas pelo capitalismo, passando a barreira do capital e seguindo seus instintos. O sistema patriarcal, hoje manifestado no modelo capitalista de sociedade, tem nos silenciado junto com diversas espécies da natureza, uma apropriação e domesticação da vida.

“No que se refere às mulheres do campo sabemos que grande parte sofre com alguns tipos de dependência, como transporte, decisões nas áreas de cultivo, mulheres que gostariam de cultivar de forma orgânica e não podem por questões econômicas dentro das famílias e por não ter o espaço de decisão nas próprias famílias. Estas situações, possíveis de reverter em períodos breves de tempo, dependem muito mais do círculo familiar, claro que influenciado por todo um contexto social, mas que hoje tem acesso à informação e consciência destes fatos que não dão valor ao trabalho da mulher no campo” (Informação verbal, agricultora Karina David de Colombo-PR, 2019).

Muitas vezes não queremos enxergá-lo e enfrentar uma transformação realmente significativa. Percebemos uma negação do patriarcado como fundamento de uma sociedade desequilibrada, buscando justificativas superficiais simplificando o diálogo e a transformação que as mulheres propõem. Acreditamos que para criar e realmente praticar Agroecologia, buscando a Soberania Alimentar, a Soberania das Mulheres e a Soberania da Terra é preciso estar dispostas e dispostos a dialogar e desconstruir as formas de convivência social hegemônicas. Sendo fundamental que o campo e Agroecologia possa sair da superficialidade dos diálogos relacionados às mulheres e ao Feminismo, enfrentando uma real transformação que não é somente o uso de venenos na terra, mas também ao uso dos venenos como humanidade, nas relações sociais, culturais, econômicas, políticas. Produzimos uma agroecologia e uma vida no campo para além da dimensão produtiva e de renda.

Na agricultura familiar muitas vezes o sistema nos leva a reproduzir em pequena escala suas vontades, onde os governos nos impõem regras e mecanismos burocráticos que desgastam e nos tiram dos nossos modos de vida, como a imposição de como cultivar e o que cultivar. Com tudo isto, a Agroecologia e principalmente as mulheres se mantêm ativas no universo de diversidades e no caminho da Soberania Alimentar, caminho que não se constroem só com o plantio dos alimentos para consumo humano, a soberania se manifesta nos cuidados da terra e na amplitude da Agrobiodiversidade.

Dentro da agroecologia, existem coletivos e redes que desenvolvem o trabalho especificamente com as Sementes, sementes da Agroecologia, sementes crioulas, sementes orgânicas. Sabemos que o controle dos alimentos, na busca de um sistema alimentar global, inicia pela dominação das sementes. Assim as redes de Sementes, que buscam a circulação livre destas, enfrentam uma série de questões, num contexto de legislações que se adaptam para favorecer as empresas o agronegócio. A falta de pessoas, recursos, pesquisa faz com que voltamos os nossos olhares para as sementes que são cultivadas na agroecologia, principalmente pelas mulheres, ainda tem pouco espaço

dentro dos sistemas de cultivo. Aquelas que vão além da alimentação tradicional e que nutrem os sistemas além das necessidades do humano.

Há pouco tempo estamos transformando e reconhecendo as guardiãs, as sabias das sementes, o que ainda é um processo em construção. Aquelas espécies cultivadas pelas mulheres e que aparentemente não tem valor, porque não estão nomeadas num mundo comercial, mas que na realidade desconhecemos o trabalho fundamental que desenvolvem nos Agroecossistemas. As mulheres não plantam flores e ervas só por questões estéticas, todas as espécies se mantem numa logica no ciclo da vida, não se planta nos quintais só porque se gosta, não temos direito a terra! não foram os quintais o espaços que primeiramente foram uma escola, foram os espaços que ficaram para a ação das mulheres e a manifestação da sua interação e seu sentir com a terra e os ambientes.

Diversidade e comunidade: construção do feminismo comunitário teoria e vivência

Hoje percebemos como as mulheres em diversos territórios estão se reconhecendo como guardiãs das sementes² e como isto nos leva a ver a diversidade, possibilitando-nos pensar mas amplamente nos cultivos, permitindo-nos conhecer outras formas, outros aromas, cores e sentimentos a partir da relação com as sementes. Em todo este processo de dominação e domesticação, nós mulheres, dominadas de várias formas pelo patriarcado, mas em presente transformação, temos nos mantido talvez numa espécie de autocensura; mas transformando e criando formas paralelas ao denominado oficial, certamente por tantas razões que algumas não alcanço sequer imaginar.

Com todo esse peso da história nos mantemos como guardiãs e como sabias das medicinas, das flores, dos alimentos e da vida, plantamos em pequenos e discretos espaços, mas sempre numa expansão, foi a forma que conseguimos, mantendo por gerações a transmissão dos saberes. Não temos como desconsiderar a cura vinda pelas ervas, pelo universo vegetal, onde hoje as enxergamos com vários tipos de reconhecimentos, onde as mulheres continuam com a tarefa histórica da adaptação de diversas espécies.

² ReSa - Rede Sementes da Agroecologia. Rede de movimentos sociais do campo e da cidade, agricultoras e agricultores que acreditam e trabalham pela agroecologia na circulação livre das sementes, e politicas publicas adequadas ou coerentes com agroecologia.

Por que as mulheres continuam plantando flores? Por que continuam com essa relação tão íntima com as medicinais? Certamente, mantem um elo que é além dos significados, da expressão da palavra, que não é simplesmente por beleza, que dentro das nossas resistências e ações é algo que se manifesta a gerações, reconhecer a grande diversidade da existência e a cooperação entre seres, que gera a medicina que levamos. Ao mesmo tempo convivem com o sistema patriarcal e a perda da diversidade direcionada pelas empresas com seus instintos de dominação e com um modelo agrícola que só desgasta e fragiliza a vida, dos mundos que coexistem. Há que se conhecer e inserir novas possibilidades de se alimentar, rompendo com as imposições do capital, das empresas, dos governos, pois “se estima que no mundo existem ao redor de 27.000 a 67.000 espécies de plantas comestíveis (ABELLO, CORDERO; GALVEZ, 2017, pag, 19.).

Dentro da perspectivas da Agrobiodiversidade a voz ainda é frágil, o sistema nega dar valor ao que não tem um valor monetário, no caso destas espécies e estes cultivos praticados pelas mulheres o valor não é quantificável, centenas de interações destas espécies no ambiente que geram vida, cosmologias, culturas, línguas e soberania dos povos. Assim nesta realidade observo como fundamental dentro das feridas do campo, da agricultura, a relação mulheres e sementes, mulheres e flores, mulheres e medicina, Mulheres na Agroecologia, tentar compreender como nos mantemos unidas e continuamos multiplicando vida, contribuindo dentro dos Agroecossistemas, no que vivemos como um Feminismo Comunitário.

Agroecologia como comunidade, não podemos pensar agroecologia somente dentro de pequenos grupos é preciso vislumbrar a Agroecologia como uma grande comunidade que se articula em diversos setores. Neste cenário o Feminismo Comunitário se torna uma estratégia de formação, articulação e fortalecimento das mulheres na Agroecologia para além do âmbito local, mirando ampliar a teoria e prática no que se referem as formas de resistência ao patriarcado.

Na América Latina, o Feminismo Comunitário surge na Bolívia aproximadamente no ano de 2003, paralelo aos processos de mudança no país, no contexto das chamadas guerras do gás e da água. As organizações sociais indígenas como “Mulheres Criando Comunidade”, nos diálogos e na organização em momentos difíceis chegam a tal ponto que conseguem perceber que o capitalismo e o neoliberalismo são oriundos de algo maior, algo maior que nos oprime. Assim, foi fundamental o resgate da memória histórica, permitindo-nos identificar o patriarcado como paradigma social preexistente ao colonialismo. Mas que, com o colonialismo, se agudiza e fortalece, con

uma visão de mundo, abrindo espaço e gerando desequilíbrio e às desigualdades. Neste resgate da memória, as mulheres enxergam as necessidades de acabar com as relações de poder e buscam o bem estar da comunidade como o conjunto de vida gerada pela terra.

Como o próprio termo Feminismo Comunitário se apresenta para nossa sociedade, e principalmente para as sociedades da América Latina, enquanto uma visão comunitária, que busca se enxergar a partir das realidades de cada indivíduo e indivíduo, identificando, reconhecendo, resistindo e se opondo as opressões do sistema dominante, que criou sistemas artificiais de convivência que muitas vezes estão presentes em nossas casas e comunidades.

Estas afirmações surgem a partir de uma realidade comunitária dos povos andinos, que pode se relacionar com o agir da Agroecologia na busca da compreensão a partir dos ambientes que habitamos, trabalhando pelas nossas soberanias a união do campo e da cidade “ Pensamos a partir da realidade que vivemos. Não queremos pensar mulheres frente aos homens, mas pensamos mulheres e homens em relação com a comunidade” (PAREDES, 2010, p.78, tradução nossa)

O resgate da memória ancestral pelo Feminismo Comunitário é essencial para compreender o registro da memória histórica da humanidade. Acreditando que devemos aprofundar nas diversas formas de registro criadas pela humanidade, seja oralidade, artes, ciências e outras formas pouco validadas ou desconhecidas, e que sim representam e complementam a história. Todas contribuem para nos aproximar de uma reconstrução da memória, possibilitando a desconstrução do que hoje aceitamos como realidade ou verdadeiro. Cada uma destas linhas de pensamento e de criação vão caminhando a partir das suas realidades, da sua origem, formulando interesses que contribuiriam na sua própria busca. Deste modo é fundamental observar o nosso ponto de partida. Onde nós estamos? E onde queremos chegar como indivíduos, como mulheres e como humanidade?

Assim, o Feminismo Comunitário, na busca de melhores formas de vida, de um bem viver, das mulheres, da comunidade parte do princípio da união na necessidade de desconstrução, das opressões e das dominações “Recuperando nossos corpos, nossas histórias e nossas propostas de futuro “(PAREDES, 2010, p.50 – tradução da autora)

Nesta perspectiva de futuro, hoje escutamos vozes das mulheres, que transcendem os territórios e as formas, que se sintonizam a partir da identificação das injustiças e da certeza de que é possível a criação de uma realidade que nos permita interações harmônicas e integradas no organismo vida, identificando o patriarcado como gerador histórico do desequilíbrio das sociedades. Dentro da prática da Agroecologia, observamos a possibilidade de concretizar diversas transformações que nascem desde a raiz até as

sementes. As mulheres observam e percebem que não bastam os direitos individuais, não se busca o confronto, somos irmãos. No resgate dessa memória longa e histórica que o papel da resistência tem, temos a responsabilidade política, histórica e ética pelas nossas ancestrais que resistiram, precisamos trazer propostas (GUZMAN, 2015).

Nenhum processo de mudanças revolucionárias ira desenvolver-se sem problemas, sem erros e traições, Por isso e que hoje estamos construindo desde as organizações sociais, exigindo que a revolução esteja nas mãos de nosso povo e ai e onde nos mulheres feministas comunitárias, somos radicais, porque desde a raiz das nossas lutas decidimos que não há revolução quando nossos corpos de mulheres, continuam sendo colônia dos homens, dos governos e dos Estados. Não a revolução quando as mulheres decisões dos nossos corpos são tomadas, por maridos, juízes e padres. As mulheres são a metade de cada povo, uma metade que cuida, cria, protege e vá a parir a outra metade que são os homens (PAREDES, 2010, p.39, tradução nossa).

O Feminismo Comunitário contribui numa visão que busca a compreensão do existir integrado e justo dentro das comunidades na relação com a natureza, uma amplitude da comunidade que enxerga a natureza como conjuntos de vida. Assim, pensando no contexto da Agroecologia e do campo, a relação com o Feminismo Comunitário é fundamental e fortalecedora, caminhando para diálogos realmente abertos, desconstruindo o modelo dominante, hegemônico de produção e de relações humanas baseadas no utilitarismo e nas relações de exploração, de submissão de opressão do outro, mulheres, homens e Natureza. Este movimento gerado nos diálogos do campo e da cidade, Agroecologia e Feminismo Comunitário tem buscando uma nova forma de maturidade social, onde resgatamos nossa confiança do viver, enfrentando e transformando os temores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vezes as palavras, as frases, discursos, posturas, nos cansam mas muitas vezes são inevitáveis e necessárias. Ainda hoje, em 2021, continuamos registrando na nossa história humana, formas que não enaltecem a beleza e a grandeza da vida. Assim, é essencial falar das mulheres, de como durante séculos até hoje muitas culturas tem deixado um lugar desprivilegiado, de expressões e liberdades de ações, em sociedades que não buscam o bem estar de todos, perpetuando as hierarquias.

Contudo as Mulheres na Agroecologia descobrem juntas as manifestações da natureza, como seres livres, ricas de sabedorias como o solo, que fluem como as águas dos rios e que geram vida como as sementes. Estamos atentas como as sementes das flores

do deserto, podem passar muitos anos, mas na hora de receber uma mão, assim como uma leve gota da chuva, estamos aqui florescendo.

REFERÊNCIAS

ABELLO, L; CORDERO,S; GALVES,F. Plantas Silvestres Comestibles y Medicinales de Chile y otras partes del Mundo: Corma ,2017.

ATLAS DO AGRONEGÓCIO: fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos. Mureen Santos, Verena Glass, Organizadoras, Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll,2018.

DAVID.K ,ESPINOZA, N:Coordenação. Núcleo Mauricio Burmester do Amaral. Desafios que geram possibilidades dentro da Agroecologia. Colombo, 2018. Informação Verbal.

DAVID, Karina: Paraná Agroecológico. Interação Rede Ecovida Paraná, mais orgânico. Foz de Iguaçu, 2018.

GUZMÁN,A; PAREDES,J. Feminismo Comunitário.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C6l2BnFCsyk> . Acesso em: 01 abr. 2019.

GUZMAN,A.

Disponível e.: <https://www.youtube.com/watch?v=CV0--RjTMBo>. 20015.

KOSS.2000.

MATURANA H: GERDA, V: De Amor e juegos Fundamentos olvidado de lo humano. J, C Saez, Editor 2013.

MATURANA H: A Beleza de Pensar

Disponível em; <https://www.youtube.com/watch?v=ElvGUSpD3rs>

PAREDES, J. Hilando fino desde el Feminismo Comunitário. La Paz, 2010.

REDE SEMENTES DA AGROECOLOGIA ReSa.

SALAZAR, O. El principio del buen vivir o sumak kawsa como fundamento para decrecimiento económico. Cuadernos de Filosofía Latinoamericana. Colômbia, v. 36, n. 113, p. 83-99. 2015. Disponível em: Acesso em: 01 abr. 2019

PLASTINO, CARLOS. Café filosófico: Reflexões sobre uma concepção antropológica do patriarcado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t7ELmSUWZ9I> . Acesso em: 01 abr.2019.